

## COVID-19- Um desafio e uma oportunidade

### J. Manuel Nazareth

Quando há praticamente 50 anos escrevi o *Envelhecimento da população portuguesa* (1979) procurei demonstrar tecnicamente a irreversibilidade do envelhecimento demográfico e terminei o livro afirmando : «só uma completa reformulação da rigidez do sistema de reformas e do mercado de trabalho das pessoas idosas nos permitirá evitará criar uma *Sinfonia do Velho Mundo* pesada para os que a vivem e pesada para os que a suportam financeiramente».

Nessa altura o mundo dividia-se entre os populacionistas e os anti-populacionistas e a grande preocupação era chamar a atenção para a alternativa «Crescer ou Envelhecer»: os países ou crescem e pressionam os recursos ou não crescem e temos que nos preparar para as consequências do envelhecimento demográfico. Parar o crescimento da população sem envelhecimento demográfico é tecnicamente impossível.

O tempo passou, em 1987 entrei para o *Conselho Científico da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia* e em 1989 fiz uma comunicação ao *Primeiro Congresso de Gerontologia Social* chamando a atenção para a irresponsabilidade de o mundo desenvolvido, da Europa e de Portugal por não se prepararem para as consequências da irreversibilidade do envelhecimento demográfico.

As reuniões nacionais e internacionais sucederam-se, os Congressos de Geriatria e Gerontologia multiplicaram-se, o mundo que no início de século XX tinha pouco mais de 1 milhar de milhão passou para 7 milhares de milhão. Foi por isso que mais de metade do século XX foi dominado pela **Explosão Demográfica da População** e as questões do envelhecimento passaram para segundo plano.

Em 2009 escrevi um novo livro *Crescer e Envelhecer - constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Já não era mais possível voltar ao debate «Crescer ou Envelhecer» porque o envelhecimento demográfico começou a apresentar valores impossíveis de ignorar - a Europa ultrapassou os 130 milhões de pessoas com mais de 65 anos (prevendo-se que em 2050 atinja os 200 milhões num total de 700 milhões de habitantes) e Portugal com mais de 2 milhões calcula-se que atinja os 3 milhões num total de 10 milhões de habitantes.

Conforme o anunciado a transição do fim do século XX para o início do século XXI é marcado pela existência de uma nova explosão demográfica: **a Explosão Demográfica das Pessoas Idosas**.

Que fazer? Demo-nos conta que no grupo dos jovens qualquer país sabe valorizar as diferenças (os jovens em infantário, no pré-escolar, no ensino básico, no ensino secundário, no profissional, no superior, no mercado de trabalho) mas que no grupo dos idosos a valorização das diferenças não existe. Tudo é classificado como velhos com mais de 65 anos. Qual é o problema de colocarmos num mesmo equipamento colectivo uma pessoa de 65 anos e outra de 80 anos? Nenhum porque os dois são velhos. Porém se colocarmos um jovem de 5 anos e outro de 20 anos numa mesma sala de aula temos uma revolução porque a sociedade, apesar de nos dois casos existirem 15 anos de distância, a diferença é valorizada. Os temas dominantes estavam relacionados com o financiamento do *inverno demográfico*.

Só quando se tornou significativa a pressão demográfica exercida pela **nova Explosão Demográfica: a dos Velhos Válidos** é que verdadeiramente se começou a acordar para a dimensão multidisciplinar do problema. Os idosos válidos passaram a ser demasiado numerosos para serem escondidos ou entretidos em lares, centros de dia, passeios de barco...

Mais uma vez o mundo da investigação séria e serena e o mundo mediático e político tiveram comportamentos diferentes. Enquanto os primeiros procuraram trabalhar na fragmentação do grupo 65 e + anos por este já não ter sentido os segundos falaram no *calamidade demográfica*, em aumentos de natalidade, no recurso às migrações, com incentivos de várias ordens.

Foram os resultados da fragmentação quantitativa (reformados precoces com 65-75 anos, reformados tardios com 75-85 anos e velhice com 85+ anos) que nortearam as minhas preocupações pelos desafios e oportunidades que coloca à sociedade. A questão não é mais saber o que fazer a mais de 3 milhões de idosos com mais de 65 anos em 2050 mas o que fazer com os 300 mil idosos em velhice porque tudo o resto pode e deve ser flexibilizado.

No *último Congresso de Geriatria e Gerontologia em 2019* (onde se comemorou o 40º aniversário) face à emergência da questão ambiental defendi que o envelhecimento demográfico longe de ser uma calamidade é um pilar da sustentabilidade. Como não

podemos nem devemos continuar a crescer o que temos é que preparar as sociedades para a irreversibilidade do envelhecimento conciliando os critérios da fragmentação quantitativa com os critérios de fragmentação qualitativa (idosos sem serem velhos, idosos em velhice e idosos sem autonomia).

O critério quantitativo é importante para as comparações internacionais mas os critérios qualitativos serão a fragmentação do futuro para evitar o confinamento compulsivo desperdiçando o enorme potencial que representa o grupo com mais de 65 anos cada mais numeroso e instruído.

Não podemos parar o envelhecimento demográfico (nem devemos por razões ambientais) mas podemos adaptar a sociedade às suas consequências. Eis que surgiu um aliado inesperado - o Covid-19. A «população de risco» deve ficar em casa e devemos evitar ao máximo os equipamentos colectivos porque são fonte de transmissão do vírus. Talvez tenha chegado a hora de adaptar as mentalidades, as ruas, as casa, as cidades, a organização do trabalho e do tempo não só ao Covis-19 mas à irreversibilidade do envelhecimento demográfico.

Aqui paro. Ironia do destino: passei toda a minha vida a lutar contra o confinamento compulsivo por causa da idade e agora encontro-me confinado por causa da minha idade.